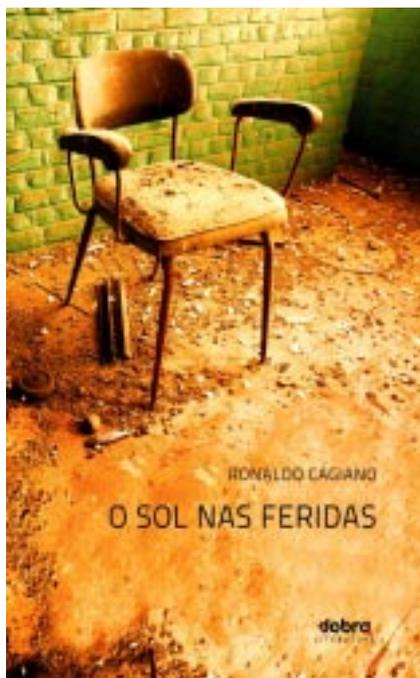


O Sol nas Feridas, de Ronaldo Cagiano

Wilson Pereira



O novo livro de poemas de Ronaldo Cagiano, a partir do título, “O Sol nas Feridas” é um grande canteiro de metáforas, mas metáforas cáusticas, lancinantes, pontiagudas, ferinas (nos dois sentidos, o derivado do substantivo fera e o derivado do verbo ferir). São essas metáforas a mira do poeta que aponta e dispara sua ira contra os falsários, os hipócritas, os alienadores e os alienados, contra os mercadores da fé, contra o cipoal do “engodo político”, contra a ordem estabelecida e simulada.

O poeta não se esconde atrás de metáforas líricas, nem se rende aos modismos, feito os poeminhas eivados de trocadilhos ou de humor fácil, de efeitos jocosos ou inebriantes, mas, antes, se declara, se expõe à luz das palavras que iluminam com seus significados claros poemas que brotam da consciência e da sensibilidade de quem se apresenta para o combate, de quem está em contenda com o mundo e sua realidade suja e purulenta, mas camuflada sob uma casca casta, sob a crosta de feridas mal curadas.

Sabe o poeta que a poesia engajada, comprometida com a denúncia, tem de afiar suas armas, de brandir o sabre ao sol. A bem concebida metáfora do título tem o efei-

to de sugerir que o sol, além de iluminar, de clarear, para mostrar a realidade sem disfarces, tem também a função de queimar, de fazer doer. E sugere ainda que pode, numa espécie de catarse, cauterizar, para curar, pois só sendo diagnosticado, pode o mal ser debelado e curado.

É preciso, pois, para cumprir essa intenção poética a que o autor se propôs, futucar a ferida, para fazer-lhe minar o sangue. O poema “Gênese” pode ser tomado como uma profissão de fé ou, pelo menos, como justificativa dos rumos que poeta vai seguir:

Gênese

*Busco na palavra sua unção,
labirinto de paradoxos
onde mergulho
feito escafandrista num garimpo de im
possibilidades.*

*Território de invenções,
ela me estende a ponte
entre o sagrado
e o profano.*

*Em cada manhã
rompe com sua insistência de rio
e sua pontualidade solar.*

*Meticuloso engenho do verbo
que se faz silêncio
ou boato*

*Rumino sua nudez
ou desvelo as suas rugas.*

*Entre a fuga
e os deslizos
o poema vinga*

rosa intemorata perfurando o asfalto

*Nutre-me do é míngua
recicla-me do que é sangue.*

Um levantamento aleatório, sem pretensão de esgotar todos os casos, das metáforas da indignação, da revolta, do clamor contra a indiferença, a apatia, a futilidade, a injustiça, nos dá uma mostra do teor semântico-poético que o poeta persegue para expor seu olhar crítico sobre “os homens sedados por Mofeu/ cegos vassallos de sonhos obtusos.”

Eis alguns exemplos:

“ Os caminhos longos sob os litígios / de um rio imundo”; “no teatro insone / entre sóis hibernados” (do poema “Marcha insone”, p. 8); “ Sobre escarpas sem fim / onde o horizonte se confunde com o tédio / dos olhos que divisam um mundo roto / trovoadas rangem dentro de mim / feito o som de dobradiças enferrujadas.”;

“São catedrais de dúvidas (...) / no duro engenho das (in)compreensões.”; “(...) dos cascalhos que sangram os pés / num quintal purulento” / “geografias do ocaso” “onde pululam pássaros aziagos”; “cemitério dos vivos”; “Museu de passivos”, “pela viagem ao território devastado / com suas reminiscências de luto, miséria e medo”

“insaciável fome dos obituários” (do poema “Terra em transe”, pp.10-11); “Assim é o tempo (moenda de Chronos) / com sua carpintaria de ferrugens / a sagração dos labirintos.” (do poema “Insondável”, p. 12); “em cada lixeira, / garimpo de sobras”; “nessa carnificina de sombras”; “como as ruínas de um pão dormido”; “do que amigalha no caos / do que surge das privações” (do poema “Animal da noite”, pp.13-14); “ No íntimo / a palavra rumina / a indignidade do chumbo / que escurece os dias.”; “a sede ferina dos sonhos.”; “as estrelas mortas / (...) contra as cavidades do desencanto / sepultando o latifúndio das noites.” “Eis o poema / ponte dialética / entre a sintaxe do abismo / e a gramática dos silêncios.” (do poema “Motivo”, pp. 25/26).

Suspendo o levantamento que, se feito com rigor, se tornaria por demais extenso e efnadonho nesta breve resenha.

O poeta sabe que a linguagem poética se realiza com recursos que lhe são inerentes e apropriados, dentre os quais sobressai-se a metáfora. Assim é que explora a tessitura metafórica com diferentes matizes temáticos e semânticos, além desse veio amargo que acabamos de registrar. É o caso, por exemplo, dentre muitos outros, de: “pomar de mistérios” e “regato de sonhos” (do poema Porto e alimento, p. 20); “berçário da aurora” (do poema

“Antevisão”, p. 21); “Teu nome esculpido em mim” (do poema “Tatuaagem”, p. 53); “povoação de dentes” (do poema “Variação sobre um poema de Marçal Aquino”, p. 63); “Baú de espantos” (do poema “Álbum recluso”, p. 82).

Enfim, o emprego da metáfora, com suas implicações semânticas no contexto dos poemas de *O Sol nas feridas* merece estudo mais longo e cuidadoso, muito além destas anotações meio aleatórias.

O autor utiliza o verso livre e branco, que me parece bem ajustado ao conteúdo dos poemas, na sua maioria, como se disse, de teor engajado, de crítica social, política, religiosa e, em alguns casos, de indagação existencial, como é o caso do sugestivo poema “Miragem” (p.22). Mas mesmo em poemas mais longos, a linguagem não perde ritmo e musicalidade e transcorre em seu leito poético sem derramar-se para o discursivo, o prosaico. Um dos traços marcantes nesses poemas de Cagiano é a ironia, às vezes aguçada, mas também refinada, o que serve para salvá-los de proslitismos ideológicos, pois estão, em primeiro plano, a serviço da boa literatura. Mas boa literatura não quer dizer ausência de ideias e de ideais. Exemplo dessa ironia pungente é o extraordinário poema “Variação sobre um poema de Marçal Aquino” (pp. 63-67”) um dos meus preferidos, embora seja difícil a escolha, tendo em vista o alto nível de poeticidade que perpassa todo o livro.

Muito mais se poderia extrair desse “*O Sol nas Feridas*”, para louvar-lhe a poesia de bom gosto, bem elaborada, com imagens sugestivas e instigantes, e também de postura crítica, de compromisso com a defesa de valores humanos e sociais de que os homens de bem não abrem mão. Mas o propósito destas parcas linhas é apenas dar notícia da edição de um livro que merece ser destacado na produção poética nacional dos últimos anos e, assim, tentar estimular sua leitura.

Wilson Pereira é professor universitário, poeta e Mestre em Literatura Brasileira, pela Universidade de Brasília.

Editorial

O programa *Big Brother Brasil 2012*, veiculado pela Rede Globo de Televisão, obteve destaque na mídia em virtude do modelo Daniel ser suspeito de abuso sexual contra a participante Monique. A expulsão do suposto estuprador foi alvo de comentários, polêmicas e manifestações de vários setores artísticos.

Não só o BBB como outros programas, quer sejam da referida emissora ou das demais, também exibem cenas escabrosas. Nunca tal fato obteve tal destaque. Muitos participantes do programa namoraram ou trocaram afagos em cena e os comentários sempre ficaram em silêncio.

O nível da programação exibida nos canais convencionais está péssimo faz tempo. O controle remoto até parece estar programado para mudar constantemente de canal. Embora a violência seja a anfitriã, as cenas eróticas explícitas são exibidas com regularidade.

A Cultura não tem voz e nem vez. Quando está em destaque parece um sopro em espiral. A propaganda na maioria das vezes é a única coisa que tem algum conteúdo.

No *Big Brother Brasil* tem o “paredão” para eliminar os participantes. Quem sabe não está na hora de se fazer um “paredão” com os programas banais de televisão para eliminá-los do ar.

O medo necessário

Rodolfo Konder

Muitos séculos atrás, quando ainda se aprumava, ao descer das árvores, o homem primitivo temia os lugares abertos e as profundezas das cavernas, porque era vítima frequente, naqueles cenários, da fúria dos predadores. Assim, o medo nos acompanha desde o nosso despertar como bípedes – e ainda agora trabalhamos com os mesmos mecanismos de defesa que nos permitiam sobreviver, naqueles tempos. Algumas pessoas, aliás, tornam-se até prisioneiras dos velhos medos, que nelas se transformam em fobias. O medo de lugares abertos virou agorafobia; o medo das cavernas escuras pode ser a claustrofobia de hoje.

Ao longo da História, os seres humanos se tornaram animais medrosos por excelência. “Todos os homens têm medo”, disse Sartre. Além disso, somente os seres humanos podem antever a própria morte, conhecendo, portanto, o medo num grau mais temível e duradouro do que o podem conhecer os seres de qualquer outra espécie. O nosso medo é ambíguo, inerente à nossa natureza, perturbador. Pode nos fazer regredir. Pode até nos matar. O medo frequentemente dá forma ao Estado, nos casos de regimes totalitários como o nazismo, que caía do céu com a “Luftwaffe”, descia das colinas com as “panzer divisionen”, torturava, estuprava, construía campos de extermínio, promovia genocídios e ameaçava o mundo com o “Reich dos mil anos”, o “Armagedon” de Adolf Hitler. O Estado fascista também se ergue apoiado no medo, cria aparelhos repressivos e estabelece a violência totalitária, que vai além das guerras e despreza todos os direitos individuais. Às vezes, o fascismo se combina com as ditaduras militares; às vezes, simplesmente empresta traços particulares a outros regimes de exceção, formas de organização do Estado

igualmente molhadas no medo e jamais limitadas no tempo, já que sempre podem ressurgir, especialmente na garupa das crises.

O medo também marcou para sempre a experiência socialista, os Estados policiais construídos em nome da maior utopia da História, sob o pretexto de que combatiam a opressão dos trabalhadores e lutavam pela liberdade para todos os homens.

Anos atrás, atentados terroristas contra a liberdade e a democracia, no dia 11 de setembro de 2001, chocaram a consciência do mundo civilizado e libertaram, mais uma vez, os insidiosos demônios do medo. Dos porões do destino, emergiram naquele momento as forças incontrolláveis da destruição e da morte, para nos amedrontar.

Na América Latina, o medo moldou regimes de exceção e ditaduras militares, inclusive aqui, no Brasil. Atualmente, vivemos numa democracia, mas o medo não desapareceu. Ele se alimenta da violência urbana, da droga,

da ação de maus policiais, dos saques do MST, da corrupção, da fisiologia, do desemprego. No Brasil, como no mundo inteiro, estamos com medo, porque experimentamos as incertezas de uma fase de mudanças aceleradas, de transformações profundas, de dúvidas insuportáveis. Mas o medo é o começo da sabedoria, como descobrimos em nossa sofrida caminhada – ou na obra de artistas como T. S. Eliot. É uma defesa essencial, proteção eficaz contra os perigos, reflexo indispensável à nossa sobrevivência. Pode ser causa da nossa regressão, como pode ser a fonte das respostas corretas e necessárias às indagações que sempre nos chegam em tempos de mudança.

Rodolfo Konder é escritor, jornalista, diretor da Associação Brasileira de Imprensa em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 60,00

Assinatura Semestral: R\$ 30,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME -
agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – CCM: 96954744 – I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

A CASA E O SÍMBOLO

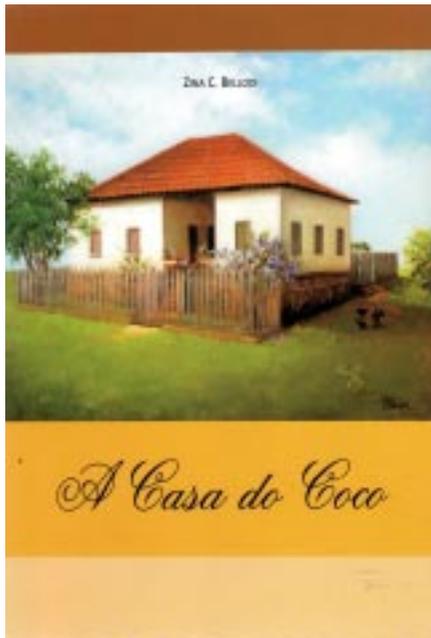
Caio Porfírio Carneiro

O valor deste livro – crônica da família Bellodi, de raízes italianas – nasce de pronto porque a autora, valendo-se do seu *como dizer* sutil e vívido, transmuda-o em texto fascinante. Vêm imediatamente a relevo a *simplicidade* sem *facilidade* e o estilo personalíssimo da autora.

Zina C. Bellodi dá vida a tudo e envolve o leitor neste relicário familiar, do passado ao presente, e o leva a palpitar na convivência com todos eles. A autora é impressionista e perfeccionista, traz imediatamente ao vivo todos estes entes queridos e acontecimentos por eles vividos. As fotos de família são distribuídas ao longo do texto com grande senso de oportunidade, acompanhando a narrativa, para que se integrem no todo e se distanciem da dualidade: a história da família ao lado de um álbum de família.

Tema por sua natureza áspero, que são muitos os cordéis, fios e ramos familiares, torna-o a autora pleno de benquerenças humaníssimas, dado ao andamento descritivo e narrativo, em estilo leve, ameno, quase familiar, aproximando-o do comovente.

A Casa do Coco (Jaboticabal, SP), esse símbolo e cadinho familiar, fascina quem o compulse, do começo ao fim. E prenderá, igualmente, se aberto o livro ao acaso, em qualquer altura dele. E o notável é que a autora apenas mostra, como se valendo de palavras mudas: “Vejam. Os Bellodis foram isto e são isto”. Tal como registra Zélia Thomaz de Aquino na primeira orelha da obra: “*Uma família estruturada com base em sentimentos de união e valores humanos trazidos por pessoas de cultura e hábitos diferentes, mas que, mesmo assim, não deixaram de ser universais. / Uma família que, ao vencer os desafios que lhe foram impostos na nova pátria, deixou preciosas lições para as gerações posteriores.*”



O valor da arte escrita está em quaisquer das suas variantes, ficcionais ou não. Aqui, nesta memorialística, vê-se que para trazê-la ao leitor, espelhante, quase palpável, revelou também Zina, para além do *saber dizer*, disposição e paciência, e o *dom* de saber mostrar.

Recordo a época em que participei da equipe para atualizar os verbetes do *Dicionário Literário Brasileiro*, do escritor Raimundo de Menezes. Um mundo de pastas, um número quase sem fim de nomes e bibliografias. Atualizávamos os dados e passávamos para o escritor Fernando Góes, que os conferia e voltavam às mãos do Raimundo de Menezes, para aprovação final. Meti-me — e não era a minha função — a redigir alguns verbetes. O Fernando Góes os leu e comentou: “Caio, queremos *verbetes* e não *minicontos*”. Tinha ele uma capacidade incrível de abreviar e colocar as palavras certas. O meu *como dizer* para verbeiro foi um desastre. Creio que eu poria um pouco de ficção se me metesse numa empreitada como essa da Zina C. Bellodi.

A Casa do Coco pulsa de vidas e de almas, que se unem numa Alma maior, universalizante, meio cósmica, abraçando toda a família e região. Os que já se foram integram-se aos vivos pelo milagre do talento e sensibilidade de quem soube uni-los neste filme de início em preto e branco e que vai se tornando colorido e tridimensional.

Obra notável. Deu-me vontade de falar sobre os meus. Cadê “gênio e arte” para tanto?

História tão real e viva que lembra ficção. Ou como afirmava a minha querida amiga escritora Rachel de Queiroz, referindo-se a livro de real valor: “É ler e comprovar.”

Como este.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Imagens Miquerinas

Rosani Abou Adal

Gosto de café amargo na boca,
licor de avelã entre os lábios.
Um trago se dispersa no ar,
as lembranças despidas
nas semibreves do imaginário.
Segredos tecem imagens poéticas
nas transparências selvagens,
o orvalho adormece entre as folhas.
O êxtase interrompido
numa fração de segundo,
o silêncio numa oitava abaixo
repartindo a solidão do orgasmo.
A alvorada cálida se rompe
no cateto oposto da hipotenusa.
As Cleópatras embriagam
os diamantes ocultos do prazer.
O cheiro do passado no ar,
a vontade de ser o que não foi.
Reminiscências anônimas traduzem
os desejos invisíveis da aurora.
Sem vestes se entrega ao convexo,
brinca de faz de conta
com as pitangas matinais
e descobre as catedrais do amanhã.
Imagens miquerinas invadem
a aridez das florestas,
desvendam as miragens do ventre
e acordam o povo do deserto.
As ilusões saciam a fome da alma,
revelam os segredos em vigília
e Narciso desperta para a vida.

Rosani Abou Adal, escritora, jornalista, publicitária e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

Débora Novaes de Castro

Antologias:

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS
- CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO –
COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES -
CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

**Opções de compra: Livraria virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br
via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.**

NA MATA HOUVE - II

Djalma Allegro

O sol cria caminhos diagonais
De luz, entre a folhagem densa
penso, comovido, no cenário
e a Natureza também pensa.
Alguma coisa de divino
Existe ali pela floresta
Pássaros bebem gotas
De orvalho em suntuosa festa.
Crio transe de respeito e amor
Na visão reflexiva
Das borboletas céleres
Na contradança viva.
É um momento de paz,
Torpor e calma
Como uma prece concebida
Pela alma
Que se transforma em vida.

Djalma Allegro é escritor, poeta,
jornalista e advogado.

Eunice Arruda

um
sentimento

depois

chuvas repentinas
inexplicáveis
febres
foram

engolindo à força
.....a força

(do livro "Debaixo do sol", *Ateliê Editorial* - São Paulo/SP, 2010)

Eunice Arruda é escritora, poeta e pós-graduada em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

Xavier participa do Live Painting



Sebastião Xavier de Lima - Xavier - colaborador do jornal *Linguagem Viva*, realizou no dia 17 de dezembro de 2011 a pintura ao vivo da vitrine da Livraria Cultura do Conjunto Nacional, em São Paulo. Ele participou da 2ª edição do "Live Painting", evento que acontece desde o começo do ano na Livraria Cultura.

José Carlos Honório, artista plástico, escritor e responsável pelo acervo de livros de artes da livraria, é o curador do projeto que tem como objetivo apresentar ao público obras

diferenciadas, suas formas de criação e técnicas.

Rafael Lucena, João Pirolla, Rafael Calixto, Camila Morita, Alexandre Soma, Anna Anjos e Xavier Lima são os artistas que foram convidados para o evento.

Xavier encerrou com a pintura "Livre da boca" em acrílica sobre tela e vitrine, que ficará exposta até o mês de março, de segunda a sábado, das 9 às 22 horas, e aos domingos e feriados, das 12 às 20 horas, Av. Paulista, 2073, Conjunto Nacional, em São Paulo.

VANDA FERREIRA: A BUGRA SARARÁ

Raquel Naveira

Vanda Ferreira é bugra sarará. Tem sangue de índia do sul de Mato Grosso, mulher brava e aguerrida. Tem cabelos alourados, com mechas vermelhas. Um jeito ao mesmo tempo rude e doce de quem ama o seu rancho, o Dom Fernando, às margens do córrego Ceroula, na saída de Rovedo.

É nesse lugar que essa produtora de literatura, artes visuais e meio ambiente, sonha e desenvolve seus projetos: sente o grito da terra, que clama por preservação; observa o entardecer pantaneiro; luta pela construção de um recanto rural para convivência com a natureza e para uma roda de prosa sobre cultura, arte e educação.

Um teatro de arena projetado por um padre salesiano que primeiro habitou o local é palco ideal para o encontro entre Natureza e Poesia. Do ponto central, a voz reverbera cristalina pelo semicírculo das arquibancadas de cimento. O eco ressoa pelo ar, pelas pedras, pelas águas. Imagino a bugra Vanda e sua assistência: poetas, crianças, pássaros.

É nesse sítio, no silêncio e nas noites de inverno, que Vanda, a bugra, escreve seus livros, suas anotações poéticas e filosóficas, enquanto ferve o café, prepara o bolo de milho, depura o licor de jenipapo.

Presenteou-me com *O Testamento*, onde celebra o encontro amoroso, suprema realização afetiva, associado a uma idealização espiritual. Amor universal, forte e profundo. Atração carnal que se transforma em experiência quase esotérica, que liberta as forças secretas da natureza, tornando o amante um ser superior a si mesmo, quase divino. Vanda se vê como mulher metamorfoseada em mito, síntese perfeita de espírito e matéria, sexualidade e transcendência

mística. Por isso utiliza palavras e expressões como "feitiço", "outro reino", "degustação com a visão", "ritual mágico", "imaginária cruz", "campo do destino", "profecia da emoção", "lepra da tristeza", "monte sagrado", "mistérios ciganos". Vanda, a bugra, "untase com as ervas santas, guardadas em seu cofre de memórias." Amor que cria "dialeto próprio, fulcrado na gratidão" e no companheirismo. Compaixão: o último fruto do amor.

Em *Passagens*, Vanda abre o baú das recordações e lembra passagens de sua infância, como a das idosas que rezavam o terço feito de lágrimas de Nossa Senhora.

O pacto entre infância e natureza fica claro neste trecho: "...amar as árvores, a chuva, a lua, o sol e expressar gratidão por meio de zelo e respeito para com as minas d'água e a pureza da terra são votos de amor pela vida, que firmei ainda menina e que foram fielmente cumpridos".

A voz do romance às vezes é de Vanda, na primeira pessoa, às vezes de Maria Joana, sua avó. Há alguns bons achados literários como a descrição do quarto da avó: espaço sagrado, cama de alta cabeceira, colcha de piquê branca, a janela com cortina de renda. E, de repente, a renda esgarçada, o tecido se desfazendo aos poucos numa "tecelagem de células mortas". O tempo que tudo dilacera, desgasta, devora.

É verdade que Vanda, sempre poeta, tem dificuldade de soltar-se na narrativa. Acaba tingindo tudo de poesia, essa outra "camada de pele".

Vanda, a bugra, crê que a realidade que cerca o poeta é a natureza. A paisagem campestre é uma espécie de espelho, onde ela vê refletida a sua cabeleira de fogo, ruiva e sarará.

Raquel Naveira é escritora, poeta, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

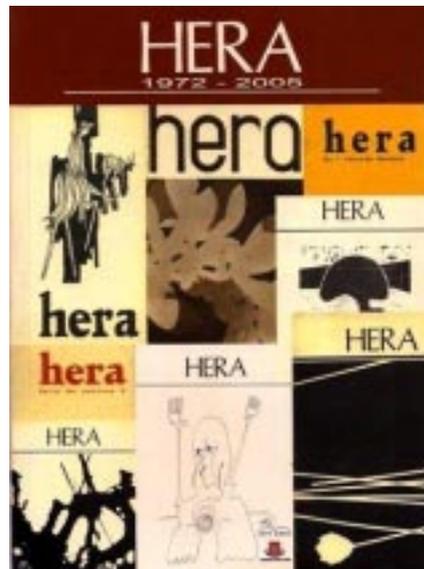
Revista Hera: 40 anos!

Goulart Gomes

Quando eu era um jovem poeta, lá pelo início dos anos 90, alimentava um grande desejo: ter um poema meu publicado na *Revista Hera*, editada por um grupo de poetas de Feira de Santana. Sonho vão. Na Hera só eram publicados poetas de grande qualidade, a exemplo de Roberval Pereyr, Antônio Brasileiro, Iderval Miranda, Luís Pimentel, Elieser César, Juraci Dórea, Gastão Correia, Ruy Espinheira Filho, Damário Dacruz, Aricy Curvello e tantos outros. O tempo foi passando, os números da Hera foram se tornando cada vez mais esparsos.

Em 1995, juntamente com outros poetas soteropolitanos, eu criaria o Grupo Cultural Pórtico e, depois, em 1999, o Movimento Internacional Poetrix, tornando-me organizador de mais de 50 coletâneas com novos autores, canalizando para as mesmas tanto boa parte de minha produção poética, como minha atuação como editor alternativo. The dream is over: o sonho havia acabado. A Hera teria seu último número publicado em 2005.

Agora, em 2012, comemoramos 40 anos de criação de uma das mais importantes publicações literárias da Bahia, em todos os tempos. A Fundação Pedro Calmon, em parceria com a UEFS Editora, acaba de



publicar uma edição maravilhosa, facsimilada, que reúne os 20 números da revista Hera, publicados no período 1972-2005. Uma belíssima homenagem e um grande reconhecimento a todos estes poetas que marcaram a história da literatura brasileira, deixando registrados nestas páginas muito do que de melhor foi escrito na poesia baiana do século XX.

Goulart Gomes é pesquisador de ficção científica, fundador do Grupo Cultural Pórtico, criador da linguagem poética Poetrix e pós-graduado em Literatura Brasileira (UCSAL) e em Gestão de Comunicação Integrada (ESPM-RJ).

Abecedário

Flora Figueiredo

De vez em quando ele vem,
deposita uma palavra na minha caixa de emoções
e se encaminha para a porta de saída.
É sempre assim:
uma sedução, uma partida.
Entorno a caixa de verbetes pelo chão,
na esperança de uma frase coerente,
mas o verbo conjuga erradamente
uma história de amor sem solução.

Flora Figueiredo é escritora, poeta, tradutora, jornalista, publicitária e letrista.

Fôlego na piscina de dezembro

Para Fábio Lucas (em resposta ao POLIEDRO, - pg. 9)

Rogério Zola Santiago

Há quem escreva para si, unicamente,
Para não publicar, sem jamais enviar a algum concurso.
De fora e de dentro ignora-se o que dentro perece
(a dor transforma o amor em prece – parece-me...) –
E há acidentes de percurso.

Assim como na rima implícita, pretendida,
Mas propositalmente não realizada, embora presente,
Dando corda à musical Caixa do Encanto, residem no Amor
Formas caladas da Desídia, dando àquele nuanças tristes,
Porém, musicais, abafando-lhe e depois se desvelando,
às vezes, *post mortem*, às vezes, renascer.
São conta-gotas de motivação arcaica,
Facetas entrelaçadas do concerto da Vida,
Este bolo confeitado pela sugestão escassa dos especialistas,
Um bolo sem resultados fúlgidos, hino às pretensões interrompidas.

Além de promover a si, o jornalista promoveu as qualidades dos demais
- amigos e desconhecidos, afetos e desafetos, e inimigos, até –
Claro que para pedir abrigo, polvo de mil tentáculos de solidão.

Rogério Zola Santiago é professor, poeta e autor de *Draga, Fragatas & Silêncios* e *Exercícios de Partida* (a sair).

Vestibular & Concursos



Sonia Adal da Costa

1) A _____ de uma guerra nuclear provoca uma grande _____ na humanidade e a deixa _____ quanto ao futuro.

- a) Expectativa – tensão – hesitante;
- b) Expecitativa – tenção – hesitante;
- c) Expectativa – tensão – exitante;
- d) Espectativa – tensão – exitante;
- e) Expectativa – tenção – hesitante.

R: a

2) Observe as seguintes orações:

- 1- Por que não apontas a vencedora?
- 2- Perguntei porque linha de ônibus chegaria lá.

3- Quis saber o porque da inflação.

Há erro:

- a) Apenas na questão 1.
- b) Apenas na questão 2.
- c) Apenas na questão 3.
- d) Em todas.
- e) Em nenhuma das alternativas.

R: a

3) Assinale a frase incorreta quanto à regência verbal:

- a) Não desobedeça aos mestres.
- b) Todos visam à estabilidade financeira.
- c) Prefiro mais feijoada a cuscuz.
- d) Assisto a bons filmes.
- e) Deus perdoa os pecadores.

R: e

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infanto-Juvenil* pela Universidade de São Paulo.

Carta para Machado

Andreia Ap. Silva Donadon Leal

Hoje, caríssimo Machado, falta-me talento, jocosidade e boa dose de ironia para falar de “peito e coração abertos”, que os assuntos políticos narrados e criticados, sabiamente por você outrora, não mudaram muito por aqui, no país tropical devastado por enxurradas de chuvas que caem do céu, arrasando muitas cidades e enxurradas de escândalos, que caem aos borbotões dos palácios políticos, desvanecendo nossos sonhos e esperanças de um país projetado e construído para uma política exemplar. As injustiças, a falta de isonomia, os desvios do dinheiro público estão cada vez mais vívidos, pulsantes e divulgados, *quicá desgraciadamente*, imortalizados.

Os poetas, no entanto, mudaram. Há muitos poetas, Machado! Uns fingem ser poetas, outros são poetas... Alguns estão na mídia e permanecem *Ad æternum*, enquanto muitos continuam ignorados, sendo chamados de boêmios, de aventureiros, e não são levados a sério, quando recriam alguma coisa. Há também uma epidemia de “escritores” no século XXI, que urge a criação de um instituto para catalogar o número aproximado de autores, que reside em cada canto do país. Quem sabe a criação do IBGCE (Instituto Brasileiro de Geografia e Coleta de Escritores) seja um projeto (?).

As letras estão cada vez mais apagadas ou sumidas do papel, pois quase ninguém usa caneta ou lápis

para escrever; o teclado ou a tela *soft touch* são os novos suportes da maioria dos escritores, mas, há ainda, os que não abrem mão da folha de papel. A crítica literária nunca esteve tão dócil, condescendente e atenciosa aos projetos do governo ou dançam conforme o ritmo da balada de: “aonde a máquina vai, os críticos vão atrás”. No entanto, há os “rebeldes” que não dançam conforme a música.

Sua Academia, a centenária e famosa ABL, está cada vez mais recheada de intelectuais, de homens de brilho, de ascensão, de prestígio, de holofotes, de notoriedade, que defendem a Língua Portuguesa, destacando o trabalho exemplar no incentivo à leitura, ao livro e à literatura, para a classe menos privilegiada do Brasil.

Não sei quantos poetas têm em sua magnífica casa de Letras, mas digo que a poesia anda meio fora de moda, apesar de o Brasil ser um país genuinamente poético e de poetas! O gênero romanesco impera na criação textual e reina no topo das leituras. Não sou contra o romance, muito menos contra a predileção dos autores e da adesão dos leitores pelo gênero, mas, existem ainda, poetas vivos.

Infelizmente, sábio Machado, não consegui registrar a maioria dos pensamentos para compor este texto. O belo e pungente jorro narrativo não saiu; ficou retido na mente, quando ela ditava, com rapidez, o que as mãos não deram conta de transpor para o papel. As mãos não acompanham ritmo acelerado do pensamento, que se esbalda, momentaneamente de liberdade, quando surge poema, crônica ou texto de outros gêneros. A ideia que iria compor bom texto desaparece numa fração de segundos. Não me lembro de grande parte das ideias, somente as mais “ácidas”.

Procurei, avidamente, no brevíssimo momento de fertilidade, folha de papel e caneta, numa procura atormentada, apressada e afoita para macular primeiras linhas da folha de papel, que sempre (sempre!) ficam em lugares estratégicos dos cômodos da casa. Não encontrei papel e caneta para meu desespero ou, quem sabe, sorte.

O texto passou rapidamente pela mente, tentando acompanhar a velocidade da tecnologia ou as conhecidas e apressadas necessidades minhas. Talvez, se o computador estivesse ligado no momento exato, eu teria tempo para correr e

teclar “num só tiro”, nova elucubração notívaga. Não tinha nem computador ligado ou folhas à disposição, para meus primeiros disparates linguísticos. Talvez seja a idade, talvez seja o cansaço e o desânimo em reclamar, xingar, criticar ou dar uns bons puxões nas orelhas dos que governam “pros cocos” e para poucos, a máquina da cultura. Estou meio cansada de bater na mesma tecla e em ponta de faca, ao suplicar e clamar, mais atenção da cúpula cultural e dos intelectuais das Letras, para a Literatura produzida por escritores do interior. Sinto-me, de certa forma, de mãos e pés atados, ao continuar a produzir textos que nem sei se serão lidos.

Confesso que hoje, prezado Machado, a frustração tomou conta de mim, quando aquele ímpeto narrativo passou numa fração de segundos pela mente. O texto não foi produzido, como você, sagazmente sabia fazê-lo como ninguém. Sua obra, no entanto, está aqui, presente, pulsante, plena e vívida, no lugar da caneta e das folhas do papel, para preencher o vazio dos meus pensamentos, minar descontentamentos e iminência de desistir dos homens que governam o país, como peões tentando domar nossa produção intelectual.

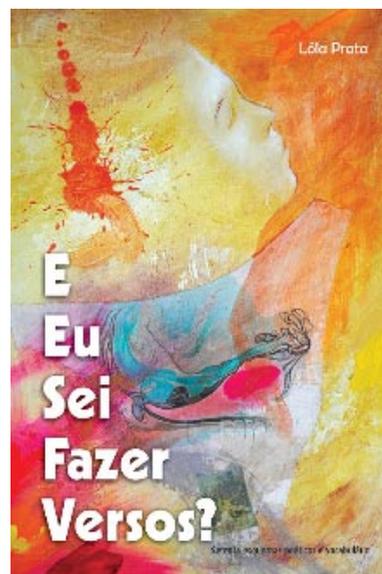
Andreia Ap. Silva Donadon Leal é Mestranda em Literatura (cultura e sociedade) pela UFV.



Machado de Assis

Divulgação

Eu sei fazer Versos, de Lóla Prata



É um curso de esquemas poéticos, apresentando pouco mais de 70 técnicas clássicas, medievais, modernas e pós-modernas, brasileiras e estrangeiras, de elaboração de poemas.

Na 2ª parte, vocabulário relativo às peculiaridades gramaticais que orientam a perfeita contagem métrica dos versos, e definem estruturas (Acróstico, Diacróstico, Teléstico, Breve, Limerique, Leonino, Parlenda, Nênia, Soneto, Ex-Libris, Trevo, Triversos, Xácara, etc.) para confecção de trabalhos literários tanto em verso como em prosa.

Tem por objetivo o aprimoramento dos poetas na nobre arte de versejar. Custa 20 reais e R\$ 4,20 do frete com registro médico.

lola@pratagarcia.com



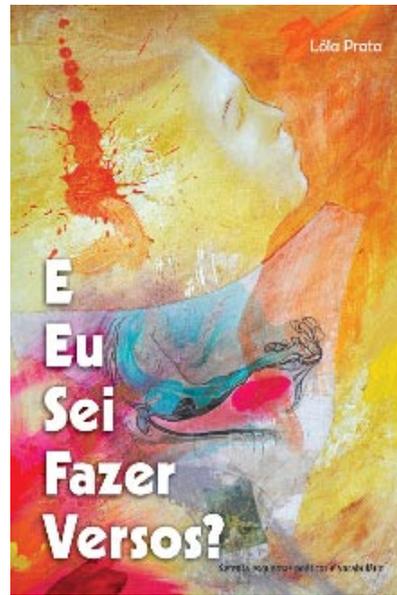
Lançamentos & Livros

Eu Sei Fazer Versos, de Lóla Prata, Atibaia, São Paulo, R\$ 20,00 e mais o frete de R\$ 4,20.

A obra tem como objetivo o aprimoramento dos poetas na nobre arte de versar. É um curso de esquemas poéticos, com mais de 70 técnicas clássicas, medievais, modernas e pós-modernas, brasileiras e estrangeiras, de elaboração de poemas.

A segunda parte abriga um vocabulário relativo às peculiaridades gramaticais, que orientam a perfeita contagem métrica dos versos e definem estruturas (Acróstico, Diacróstico, Teléstico, Breve, Limerique, Leonino, Parlenda, Nênia, Soneto, Ex-Libris, Trevo, Triversos, Xácara, etc.) para a confecção de trabalhos literários tanto em verso como em prosa.

Lóla Prata: lola@prtagarcia.com - www.lolaprata.com.br



Sorocabinha, de Maria Immaculada da Silva, Scortecci Editora, 224 páginas. A autora, natural de Piracicaba, passou a adolescência cantando com seus irmãos ao lado do pai Olegário José de Godoy – Sorocabinha –, na Rádio São Paulo PRA-5. A obra reúne informações que podem ser utilizadas por pesquisadores, porque revivem o período inicial da história da música sertaneja de raiz. Traz também ilustrações, fotos de época restauradas e texto atualizado e revisto pela nova ortografia.

O livro acompanha um cd de áudio com 20 músicas, entre elas modas de viola e desafios, que foram restauradas e remasterizadas digitalmente.

Segundo Israel Lopes, advogado e pesquisador da música regional brasileira, "... Sorocabinha foi um grande artista da música de raiz, na época do Cornélio Pires, ... com temática da roça e crítica social em dialeto caipira. Mandy e Sorocabinha influenciaram as duplas da Era do Rádio, entre elas Alvarenga e Ranchinho e Tonico e Tinoco..."

E-mail: livro@sorocabinha.com.br - **Tel.:** (11) 3032-0132.

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 7358-6255

Notícias de Piracicaba

A coluna **Letras & Rimas**, que foi coordenada por Maria Cecília Bonachella e Ivana Maria França de Negri, deixará as páginas do *Journal de Piracicaba*. Segundo Ivana, "A Poesia não estará mais visível nem nas páginas do JP e nem na versão digital, mas continuará sempre presente nos corações, pois Poesia é algo da alma, e por isso, eterna."

Sorocabinha, livro de Maria Immaculada da Silva, será lançado na Livraria Nobel, Shopping Piracicaba, no dia 20 de março, das 18h30 às 21 horas, na O livro acompanha um cd com 20 músicas, entre elas modas de viola e desafios, que foram restauradas e remasterizadas digitalmente.



O **Blog da Academia Piracicabana de Letras** - academiapiracicabana.blogspot.com -, continua no ar, sendo renovado quase diariamente e atraindo grande número de visitantes. O blog é mantido por Ivana de Negri.

Membros da Academia Piracicabana de Letras têm escrito com regularidade nos veículos da imprensa piracicabana como Elda Nympha Cobra Silveira, Ivana Maria França de Negri, Maria Helena Corazza, Marisa Fillet Bueloni, Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme, Myria Machado Botelho, Armando Alexandre dos Santos, Carlos Moraes Júnior e João Umberto Nassif.

André Bueno Oliveira foi homenageado pela Prefeitura Municipal de Piracicaba, na instauração do Mérito Cultural 2011, na categoria Literatura, e foi agraciado com a medalha *Professora Branca Motta de Toledo Sachs*.

Concursos

Concurso de Crônicas Laura Ferreira do Nascimento 2012, promovido pela Associação de Cultura e Turismo de Maracá e Associação de Defesa e Proteção do Patrimônio Público e dos Direitos do Cidadão de Maracá / SP, está com inscrições abertas até o dia 28 de junho de 2012. Os textos em língua portuguesa deverão ser sobre o tema **Nepotismo**. **Premiação:** 1º lugar: R\$ 1.000,00; 2º lugar: R\$ 300,00 ; 3º lugar: R\$ 100,00. Serão agraciados com certificados e livros os cinco primeiros colocados.

Regulamento: <http://www.concursosdecronicas.blogspot.com/>

Informações: concursosdecronicas@yahoo.com.br

Coletivo Dulcineia Catadora / Meiotom Poesia & Prosa - Seleção de Obra(S) Literária(S) 2012, está com inscrições abertas até o dia 29 de fevereiro de 2012 para livros inéditos. A iniciativa é um projeto autossustentável, sendo objeto do concurso apenas a produção do livro. O Coletivo confecciona livros que são vendidos a seis reais, sendo a renda dividida entre os recicladores participantes do projeto. O autor selecionado receberá 10% do número total de exemplares confeccionados.

Informações: www.dulcineiacatadora.com.br

Regulamento: <http://www.meiotom.art.br/conlitedulcineia12.htm>

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Notícias



João Alves das Neves

João Alves das Neves, professor universitário, jornalista, escritor, colaborador do jornal *Linguagem Viva* e presidente do Centro de Estudos Fernando Pessoa, faleceu, aos 85 anos, no dia 12 de Janeiro de 2012, em Arganil, Portugal. João Alves das Neves foi professor da Faculdade de Comunicação Cásper Líbero e redator do jornal *O Estado de São Paulo*. Publicou mais de 30 livros, entre eles, *400 Anos Padre Vieira - O Imperador da Língua Portuguesa*, editado pela Fundação Memorial da América Latina.

A Fundação Pedro Calmon (Salvador/BA) e a **Universidade Estadual de Feira de Santana** (Feira de Santana/BA) lançaram na capital baiana, no dia 6 de dezembro de 2011, a edição fac-similar de toda a coleção da revista de poesia "Hera" em um único volume. A revista principiou a circular nos anos 70 e chegou até 2.005 em seu número 20. Reuniu inicialmente os poetas Antônio Brasileiro, Roberval Pereyr, Juraci Dórea, Washington Queiroz e Wilson Pereira de Jesus, entre vários outros. Publicou alguns dos principais poetas da Bahia, como Ruy Espinheira Filho, e autores brasileiros então emergentes, de outros Estados, como Marco Lucchesi, Aricy Curvello, Nahuel Santana, entre outros. "Hera", sem dúvida alguma, situa-se entre as principais revistas literárias da segunda metade do século XX e da primeira década do XXI. A edição fac-similar é digna de elogios pela sua alta qualidade gráfica.

A Profª. Maria Christina Blanco apresentou, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, a dissertação de mestrado "*Arte-Educação no Museu Casa da Xilogravura da Cidade de Campos do Jordão: Uma Proposta Poética*".

Fábio Lucas, um mestre aos 80 anos, artigo de Aricy Curvello publicado na capa do *Linguagem Viva*, edição nº 263, Ano XXI, julho de 2011, foi republicado por *Fundinho Cultural*, edição nº 21, Ano VIII, outubro 2011, em Uberlândia (MG); e pela recente edição da *Revista da Academia Mineira de Letras*, em Belo Horizonte.

A Casa Amarela - Espaço Cultural, em São Miguel, zona leste da cidade de São Paulo, exibiu a exposição *A Arte Postal de Hélio Lima - a partir dos versos de Aricy Curvello*. Hélio Lima, artista plástico mineiro, desenvolveu toda uma série de telas, sobre as quais inseriu versos do poeta Aricy Curvello. A foto de cada uma dessas telas foi depois impressa em forma de cartão postal. No trânsito dos Correios, a beleza da arte circula de mãos em mãos. O curador e escritor Escobar Fanelas coletou e selecionou vários desses trabalhos exclusivamente para essa Exposição.

O II Festival do Livro e da Literatura de Diadema será realizado nos dias 22, 23 e 24 março de 2012, no Centro Cultural de Diadema, com apoio da Câmara Brasileira do Livro.

Bartolomeu Campos de Queirós, membro da Academia Mineira de Letras com livros traduzidos para inglês, espanhol e dinamarquês, faleceu no dia 16 de janeiro.

Daniel Piza, escritor, tradutor, advogado e colunista do jornal *O Estado de São Paulo*, faleceu no dia 30 de dezembro de 2011, vítima de um acidente vascular cerebral.

Analice Feitosa de Lima, escritora e membro da Casa do Poeta de São Paulo e da União Brasileira de trovadores, faleceu no dia 13 de janeiro de 2012, em São Paulo. Natural de Bom Conselho (PE), pertenceu ao Clube da Simpatia-Olhão-Portugal, União Brasileira de Escritores, Casa de Francisca Júlia, da cidade de Eldorado (SP), Movimento Poético em São Paulo, entre outras entidades.

Galeno Amorim, presidente da Fundação Biblioteca Nacional, apresentou o Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior ao governo francês.

A Biblioteca Demonstrativa de Brasília terá o nome de Maria da Conceição Moreira Salles, em homenagem à dirigente que faleceu no dia 7 de janeiro, aos 65 anos.

O 8º Prêmio Barco a Vapor de Literatura Infantil e Juvenil prorrogou as inscrições até o dia 10 de fevereiro de 2012.

A Comissão de Educação e Cultura aprovou o projeto de lei, de autoria do deputado Newton Lima (PT-SP), que autoriza a execução de filmes ou publicação de livros biográficos sem a autorização da pessoa biografada ou de sua família. O texto será analisado pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania e encaminhado para o Senado.

A Associação Paulista de Críticos de Artes elegeu os melhores de 2011. Em Literatura foram laureadas as categorias Romance, com *Mano, A morte está velha*, de Wilson Bueno; Ensaio/Crítica, *Coleção História do Brasil Nação - 1808-2010*, organizada por Lília Moritz Schwarcz; Infância-Juvenil, *Filhote, de Cruz Credo*, de Fabrício Carpinejar; e Poesia, *O metro nenhum*, de Francisco Alvim; Tradução, *Guerra e Paz*, de Tolstói, por Rubens Figueiredo. O Prêmio Especial foi para *Reedição de História da Literatura Ocidental*, de Otto Maria Carpeaux.

Enélio Lima Petrovich, historiador, escritor, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, faleceu no dia 6 de janeiro.

Écrivains Contemporains du Minas Gerais, antologia que reúne 33 escritores mineiros, organizada por Andreia Donadon Leal, será lançada nos dias 16 e 17 de março, às 19 horas, no Salão do Livro de Paris. Os participantes também serão condecorados pela Académie du Mérite et Dévouement Français, no dia 13 de março, no Cercle Republicain.

O Ônibus-biblioteca, idealizado por Mário de Andrade, receberá mais dois veículos no dia 25 de janeiro. Os ônibus circulam nos bairros da capital paulista que não possuem bibliotecas.



Armando Taminato

Armando Taminato, advogado, escritor, Presidente da Academia Brasileira de Comunicações, membro da Ordem dos Velhos Jornalistas e coordenador do Mutirão Cultural da UBE, faleceu no dia 13 de janeiro, vítima de um enfarto.

A Fundação Biblioteca Nacional promoveu a entrega dos *Prêmios Literários 2011*. Foram laureados Daniel Lima, Alberto Mussa, Sérgio Sant'Anna, Charles Kiefer, Marisa Midore Deaecto, Luís Carlos Cabral, Gabriela Castro e Nelson Cruz.

Ana Maria Machado tomou posse como presidente da Academia Brasileira de Letras no dia 15 de dezembro de 2011. Diretoria: Geraldo Holanda Cavalcanti - secretário-geral; Domício Proença Filho - primeiro-secretário; Marco Lucchesi - segundo-secretário; e Evanildo Cavalcante Bechara - tesoureiro.

As Bibliotecas Públicas de São Paulo, 52 de bairro, a Mário de Andrade, 4 do Centro Cultural São Paulo, 10 ônibus-biblioteca, a do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso e 14 Pontos de Leitura, estão com os acervos informatizados. <http://bibliotecacircula.prefeitura.sp.gov.br/pesquisa/>

Dinah, Caríssima Dinah, exposição em homenagem ao centenário do nascimento de Dinah Silveira de Queiroz, promovida pela Academia Brasileira de Letras, com curadoria do poeta Alexei Bueno, ficará em cartaz até o dia 30 de janeiro na Sala Cultural Leila Diniz, em Niterói.

LIVRARIA BRANDÃO 

Comprav-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br